

EUA x BRASIL: O currículo escolar como perspectiva de futuro

Giulia Russo Soares
Juliana Moraes Gaspar
Nayana Matheus de Lima
Formandas 7º Q, Pedagogia, Mackenzie



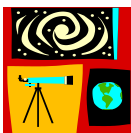
INTRODUÇÃO

Michael Apple define o currículo como sendo

[...] parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. É produto das tensões, conflitos e concessões culturais, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo. (1995, p. 59)

Um currículo nunca é neutro: ele reflete as aspirações de seu povo. É através dele que se traça o perfil de população, logo de país, que se almeja construir futuramente.

Sabendo da importância do currículo escolar no desenvolvimento de um país, discutiremos no presente artigo a respeito das diferenças existentes entre o modelo curricular utilizado nos Estados Unidos da América e no Brasil.



PARTE I

HISTÓRICO CURRICULAR BRASILEIRO E NORTE-AMERICANO

Com maior intensidade nos Estados Unidos, o currículo teve seus primeiros estudos nos anos de 1920, tendo ligação com a massificação da escolarização e com a industrialização. Essa preocupação partiu, principalmente, por pessoas que estavam ligadas à administração escolar, que faziam testes de currículos, voltados à racionalização do processo de construção.

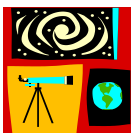
Desde modo, o currículo passou a ser visto como um “método” para obtenção de melhores resultados das escolas em um modo geral, e passou a ser aceito pela maioria das escolas, docentes, gestores, alunos e comunidade. Conseqüentemente, passou a ser um campo profissional de estudos e pesquisas, surgindo então cada vez mais pesquisadores com novas teorias e ideias, questionando teorias antigas e elaborando novas.

As primeiras teorias do currículo buscavam saber qual conhecimento deve ser ensinado, o que os alunos devem saber, o que é considerado importante para ser parte de um currículo e outras indagações que levavam ao estudo do mesmo e seu aperfeiçoamento.

Compreendeu-se então que o currículo envolve questões de poder na relação docente/aluno, gestor/docente, instituição/comunidade, classe dominante/dominada, e também nas questões étnicas, raciais e de gênero. Assim, entende-se que o currículo tem forte influencia nos sujeitos que fazem parte do processo escolar e da sociedade de um modo geral.

Ao longo da história surgem diferentes concepções de currículo que foram marcadas por decisões básicas com o intuito de: racionalizar, de maneira administrativa, a gestão do currículo de forma a adequar às exigências econômicas; elaborar uma crítica à escola capitalista; compreender de que forma o currículo atua e propor uma escola diferente (seja na perspectiva socialista ou libertária)

Nos Estados Unidos, Franklin Bobbit elaborou o primeiro tratado de currículo, em 1918 o *The Curriculum* e em 1924 o *How make the curriculum*. Além dele, se destacaram no país W. W. Charters, Edward. L. Thorndike, Ross L. Finney, Charles C. Peters, David Snedden, Michael Apple. Em um período



histórico de transição da América do Norte rural a um crescente processo de industrialização e divisão do trabalho, no século XIX, estes autores definiram qual deveria ser a relação entre a estrutura do currículo e o controle social.

Com o processo de industrialização e a expansão da economia, acelerou-se a competitividade intracapitalista, requerendo nos trabalhadores a flexibilidade, rapidez, resistência nervosa ao invés de habilidade manual e levando em consideração a divisão do trabalho, como, por exemplo, operário e chefe. Valendo-se desses princípios, Bobbit concebe o currículo como um meio de desenvolver o que ele chamou de “grande consciência de grupo”. Apple cita que “o interesse dos primeiros teóricos a estruturarem o currículo estava na preservação do consenso cultural e, ao mesmo tempo, em destinar aos indivíduos o seu “lugar” adequado numa sociedade industrial independente”. (APPLE, 1907, p. 107).

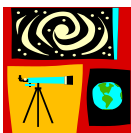
Nos anos 60 o currículo passa a ter outra abordagem, tendo em foco que a aprendizagem resulte em comportamentos específicos definidos operacionalmente, com verbos adequados, considerando-se aquilo que pretende alcançar com a prática pedagógica.

Michael Apple escreve, em 1982, *Ideologia e Currículo* que estabelece uma relação entre o currículo, ideologia e hegemonia na análise do currículo nas escolas americanas. E, logo em seguida, em 1989, escreve *Educação e Poder*, focando nas noções das escolas americanas, e dando destaque na importância da escola na construção e produção do conhecimento.

Já no Brasil, pesquisadores como Moreira (1990) e Domingues (1985), consideram que o discurso brasileiro sobre currículo é uma consequência direta das tentativas americanas de aumentar nossa dependência cultural, dificultando então uma orientação crítica no país.

Moreira (1990) cita que nos anos 20 e 30 podemos localizar as origens do pensamento curricular no Brasil, advindo das transformações sociais, econômicas, políticas, culturais e ideológicas. As ideias de currículos tinham fortes influências americanas, na busca de superar a pedagogia jesuítica no Brasil.

As primeiras infra-estruturas no campo do currículo brasileiro tiveram, além dos pioneiros no assunto, base institucional do Instituto Nacional Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira (INEP) e do Programa de Assistências brasileiro-



americana à Educação Elementar (PABAE). Os fundamentos da INEP para a construção de um modelo curricular foi basicamente composto por ideias progressistas derivadas dos norte-americanos Dewey e Kilpatrick, ideias essas que tiveram forte influência no cenário educacional brasileiro até o início dos anos 1970.

Nos estados brasileiros como Bahia e Minas Gerais e também no Distrito Federal, a organização do currículo na década de 20 foi inovadora, constituindo o primeiro esforço de sistematização do processo curricular.

Assim, o modelo educacional tradicional, sofreu importantes rompimentos, na importância da renovação do currículo, além da democracia em sala de aula e a relação do docente com o aluno.

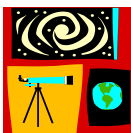
O INEP, com o desenvolvimento do campo curricular em 1938, apesar de ter fortes influências americanas na concepção de currículo, realizava pesquisas no Brasil e buscava construir currículos "brasileiros". Já no PABAE, a principal preocupação foram os procedimentos, métodos e recursos, sendo a principal fonte o discurso curricular americano.

Em 1964, sob o regime de exceção, houve dispersão nas discussões e pesquisas sobre o currículo, graças às mudanças políticas, econômicas, educacionais e ideológicas, e os acordos com os Estados Unidos (visando à modernização do país).

A tendência tecnicista passou a prevalecer, em sintonia com o discurso de eficiência e modernização adotado pelos militares, e diluiu não só a ênfase às necessidades individuais da tendência progressista, mas também as intenções emancipatórias das orientações críticas, incompatíveis com a doutrina da segurança nacional que passou a ser a eficiência do processo pedagógico indispensável ao treinamento adequado do capital humano do país. (MOREIRA, 1990, p.83)

Nos anos 80, as influências americanas no currículo brasileiro foram diminuindo, de forma que as influências europeias criaram forças no Brasil.

Moreira (1996) afirma que é importante termos influências europeias para conhecer o que está sendo formulado em países onde o currículo foi pesquisado de forma a acrescentar construtivamente em nossos currículos. Mas, ressalta que também é de suma importância desenvolvermos análises



adequadas ao nosso contexto brasileiro, contando com as inúmeras diferenças entre os países em questão.

Nos anos 90, ainda era bastante visível as influências que outros países exerceram na construção de nosso currículo escolar.

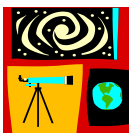
Em 2000, Paulo Freire propôs um novo conceito de educação, onde se acreditava na problematização, e que o conhecimento é sempre intencional, sempre dirigido para alguma coisa. Além dele, outros pesquisadores estudam a melhor maneira de trabalhar com o currículo escolar, entendendo que ele tem forte influência na sociedade e em seu futuro.



PARTE II

MODELO CURRICULAR: BRASIL X EUA

O currículo escolar americano, assim como quase todas as políticas educacionais, é definido no âmbito de cada Estado por meio de conselhos, onde participam Diretores, professores e consultores de educação. Portanto, não há um modelo nacional de currículo a ser seguido obrigatoriamente. Já a política educacional brasileira optou por um modelo de currículo de abrangência nacional.



Diferentemente do Brasil, onde cada turma acompanha sua professora na atividade por ela escolhida, o *kindergarten* (jardim de infância americano) trabalha de maneira em que as crianças podem escolher o que fazer entre uma grande variedade de atividades disponíveis, ou seja, crianças de uma mesma turma podem se dividir entre pintura, jogos ou ouvir histórias, por exemplo, pois as diversas atividades estão disponíveis simultaneamente.

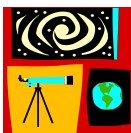
Assim como no Brasil, as escolas públicas americanas passam por novas experiências quanto à adoção do ensino religioso nas escolas públicas. Tanto em Kentucky (EUA) quanto no Rio de Janeiro (Brasil) há projetos de lei sobre a adoção do referido conteúdo programático. Em nosso país, a Lei nº 9.475, de 22 de julho de 1997 dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, registrando que:

"Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso." (...)

Uma das principais características das escolas americanas é a grande prioridade dada ao esporte e a atividades que envolvam a comunidade, os pais e alunos. Dentre estas atividades, encontramos grupos musicais, jornais escolares, equipes de debates, jogos etc. As atividades realizadas atraem grande público da comunidade local. No Brasil já existem programas de incentivo ao esporte, mas infelizmente isso não faz parte de toda realidade escolar. Além disso, as escolas brasileiras no geral priorizam as disciplinas



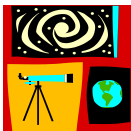
como o português e a matemática, sem darem muito importância às atividades físicas.

No ensino médio, os alunos americanos contam com uma grade curricular formada por disciplinas obrigatórias e disciplinas eletivas. Dentre as disciplinas obrigatórias estão: Matemática, Inglês e Ciências Sociais, que devem ser cursadas durante três a quatro anos. Alguns Estados exigem até mesmo disciplinas que abordam temas como nutrição, sexualidade e controle de natalidade por exemplo. Dentre as disciplinas eletivas estão: línguas estrangeiras, artes (cênicas e visuais), educação e carreira etc. O Ensino Médio brasileiro é composto por um único currículo, assim como as outras etapas de escolarização, onde estão determinadas todas as disciplinas a serem cursadas, obrigatoriamente, bem como conteúdos específicos de cada disciplina.

No Brasil, as escolas particulares têm voltado sua pedagogia em função do vestibular, já que este é composto por provas de conhecimentos gerais e específicos. Toda matéria, bem como exercícios aplicados aos alunos têm por objetivo a promoção do aluno às universidades. Já nos Estados Unidos, a passagem do aluno às universidades é feita através da análise do histórico escolar do aluno, bem como de cartas de recomendação dos professores e, em algumas instituições, análise do histórico familiar.



UNIVERSIDADE DE HARVARD

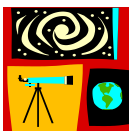


CONSIDERAÇÕES FINAIS

A opção brasileira em ter um currículo de abrangência nacional, infelizmente, não têm trazido bons resultados para a educação do país. Tratando-se de um país com proporções continentais, encontramos diferentes realidades culturais, econômicas e sociais. Estas diferenças não podem passar despercebidas no currículo escolar. Como é possível as escolas públicas do nordeste do país, que ficam em zonas de seca, ou então em locais de difícil acesso, onde crianças e jovens precisam andar quilômetros a pé até chegar na aula, utilizarem-se de apostilas com exercícios falando a respeito de shoppings e videogames? Nas regiões do país mais carentes onde as crianças desde muito pequenas são obrigadas a trabalhar, seja na lavoura ou qualquer outro tipo de trabalho, o conteúdo a ser desenvolvido recebe um tratamento diferente quando comparado às estratégias educacionais da cidade de São Paulo, uma capital rica e cheia de recursos.

No Brasil, quase todos os alunos se dedicam durante os três anos do Ensino Médio unicamente para passar no vestibular. E já que o vestibular é composto por provas de conhecimentos gerais e específicos, os estudantes preocupam-se em assimilar todo conteúdo que será solicitado na prova, para atingir o objetivo de ingressar na universidade. Novas avaliações como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) busca reparar tal disfunção pedagógica. Nos EUA, onde o ingresso às universidades é feito mediante a análise do histórico escolar, os alunos com o objetivo de cursarem a graduação devem se dedicar integralmente à escola: desde o início da vida escolar.

Nota-se que a preocupação com questões de aptidão dos estudantes inicia-se desde o jardim de infância. O fato de as crianças terem a possibilidade de escolha dentre diversas atividades, além de proporcionar maior prazer e satisfação, faz com que esses educandos tenham maior autonomia em saber distinguir o que é melhor para si.



ESCOLA VIRGINIA TECH

Não há determinado modelo curricular que seja universal, porém o modelo adotado pelo EUA chega bem próximo disso. Quando se abre diversas possibilidades de escolha (como nas disciplinas eletivas) facilita-se que os estudantes direcionem seus estudos para suas aptidões e gostos, o que provavelmente fará com que eles se dediquem e sintam maior prazer em estarem nas aulas, inclusive para frequentarem as disciplinas obrigatórias.

O currículo aplicado hoje com os jovens estudantes refletirá no adulto de amanhã, com seus objetivos e perspectivas de vida. O currículo brasileiro precisa ser reformulado a fim de formar adultos integralmente alfabetizados, cultos e que tenham condições de competir no mercado de trabalho internacional, levando o Brasil à tão almejada "Ordem e Progresso".

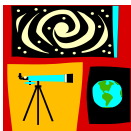
REFERÊNCIAS

APPLE, M. *Educação e Poder*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

APPLE, M. *Ideologia e Currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

APPLE, M. W. Repensando Ideologia e Currículo. In.: Moreira, A. F. B. & Silva, T. T. da (Org.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez., 1995, p. 39-57.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 35. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.



MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. *Currículos e Programas no Brasil*. Campinas: Papyrus, 1990.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Education in the United States - Wikipedia

Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Education_in_the_United_States>

Acesso em: 23 abr. 2012.

Preschool education – Wikipedia

Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Preschool_Education>

Acesso em: 23 abr. 2012.

Preschool Curriculum – Wikipedia

Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Preschool_Curriculum>

Acesso em: 23 abr. 2012.

Higher education in the United States - Wikipedia

Disponível em:

<http://en.wikipedia.org/wiki/Higher_education_in_the_United_States>

Acesso em: 23 abr. 2012.

Kindergarten - Wikipedia

Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Kindergarten>>

Acesso em: 23 abr. 2012.

Primary education in the United States - Wikipedia

Disponível em:

<http://en.wikipedia.org/wiki/Primary_education_in_the_United_States>

Acesso em: 23 abr. 2012.